

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da caps.

CHRONICA DOS SALÕES.



De toda a semana decorrida só me occorre citar-vos duas noites, leitoras; e são a do baile da *Vestal* e a da partida semanal do Club Fluminense.

Depois de perto de dous mezes, a sociedade *Vestal* abriu novamente o seu salão para o primeiro baile deste anno, cujo concurso foi grande, a companhia animada e os *toilettes* tão interessantes como variados.

Depois da parte harmonica, que constou da brilhante execução de um duetto, duas arias, e variações de Herz em piano, e concluido o serviço de brilhante chá offerecido ás senhoras, começou a confusão e desordem que annuncia sempre a mudança dos logares que occupavão as senhoras para darem logar ás contradanças tão desejadas e apreciadas. por um não pequeno numero de amadores.

Não erão ainda 11 horas da noite, quando começou esta segunda parte do divertimento, que durou sempre animado, e com pequenos intervallos, até ás 3 horas da madrugada.

Ouvimos executar á orchestrã duas quadrilhas novas e muito lindas, uma denominada — *Alina* — isto é, o nome com que assignamos esta chronica, e por isso estamos em duvida se nos foi ella dedicada: a outra não é menos agradável, é composta de escolhidos pedaços do *Barbeiro de Sevilha*.

Quizeramos ter observado bem todos os *toilettes* interessantes e de excellente gosto, que sobressahião no meio do brilho das luzes que illuminavão o recinto. Lembramo-nos, porém, que dous bellos vestidos azues prendêrão a attenção de muitos cavalheiros. Era um delles guardado de babados de listras brancas, circulando a saia pendente do elegante corpo de uma nossa patricia e amiga, que guardneceu o seu penteado apenas com o ondeado de uma fita cor de rosa. Muitos olhos a observáron, e até mesmo alguns olhos tiverão de auxiliar as vistas enfraquecidas na apreciação da graça e bom gosto com que trajava esta distincta senhora.

O outro *toilette*, não menos interessante e tambem azul, era de gosto tão differente, quanto o reclanava a tez morena da primeira, verdadeiro typo americano, pela alvura de jaspe da segunda, cuja belleza fôra invejada por uma Circassiana. Seu vestido era azul, guarnecido de trancelins pretos. Seu penteado cheio de elegancia distinguia-se bem por uma brilhante estrella que oscillava prêsa sobre a fronte, como se indicasse ella ser o emblema da sua soberania no recinto dos salões. Se foramos homem, e principalmente homem poeta, faríamos desse typo uma fada para nossos cantos, um centro para nossas abstracções, um ideal de nossas phantasias e talvez uma divindade para nossas adora-

ções: dar-lhe-híamos uma estrella que lhe brilhasse constantemente sobre a fronte, e imaginariamos em suas mãos uma harpa que tivesse os acordes dos cantos suaves e mysticos de sua delicada voz. Mas, como senhora, faltão-me o talento do poeta e as inspirações de homem fascinado pelo encanto, e por isso não tentamos uma mais exacta descripção.

Na noite de quarta-feira teve logar a costumada partida do *Club Fluminense*. Não tivemos o prazer de assistir a essa interessante reunião; mas sabemos que cerca de cincoenta senhoras e maior numero de cavalheiros formáram a companhia que se dissolveu pela força da hora avan-

çada da noite, com grande pezar das pessoas que a compunhão.

Além do que vos tenho contado, leitoras, só nos occorre dizer-vos que o *Passeio Publico* foi muito frequentado no decurso desta semana, com especialidade na tarde e noite de domingo, em que tambem nos achámos, e ali nos demorámos até ás 9 horas da noite.

Agora vamos preparar um dominó, e ornar de fitas o traje de um cavalheiro que nos deve acompanhar esta noite ao grande baile do theatro de S. Pedro.

Até domingo proximo.

Alina.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUARIO DE NOIVA (Casamento de manhã).
— Vestido de *moire antique* branco; saia enfeitada com duas ordens de blonde franjado e rolos de marabouts; corpo afogado, fechado de *meia basquine*, enfeitado com blondes e rolos de marabouts, fechado por uma guarnição de botões de perola guarnecidos de marabouts; mangas Medicis, enfeitadas tambem com blondes e rolos de marabouts.

Véo de filó de blonde liso, e grinalda de flores de laranjaieira.

VESTUARIO DE PASSEIO.— Vestido de seda lavrada; saia lisa; corpo afogado, e mangas compridas.

Capote de velludo preto, todo enfeitado de Marthe Zebeline.

Chapéu de velludo *épinglé* branco, enfeitado de blonde e plumas, e flores por dentro da aba.

O CARNAVAL.

Estamos, leitoras, no Carnaval (como bem sabeis desde que se publicáram as folhinhas do corrente anno); isto é, estamos nos dias em que os nossos avós, ainda não contentes com as lograções e molhadelas que soffrião e fazião soffrer em todo o anno neste mundo, ou para deixarem aos seus vindouros a idéa de que nesses tempos não havia lá muita innocencia e se fazião já excellentes espeztezas e velhaçarias, ou finalmente para festejar as lograções que havião pregado ao proximo no decurso de cada anno com bom resultado, instituirão este divertimento, que tem chegado até nós soffrendo immensas alterações devidas aos diversos costumes dos povos que o adoptáram.

Sabeis de que variedades vos fallo. Em alguns paizes, talvez para conservar-se na maior pureza o retrato dos tempos antigos, apenas se pregão boas e espirituosas lograções aos parentes, amigos e conhecidos. Em outros, como em Portugal, atirão-se frutas verdes e aguas sujas a quem passa: o que não deixa de estar um tanto a caracter do povo. Em outras partes o caso era melhor: apenas agua limpa, e algumas vezes aromatizada; e como ella sempre molhava vezes-se que se podia interpretar o jogo com a expressão de que, mesmo quem é lembrado com estima

ou com particular affecto, não goza neste mundo da affeição desinteressada, e sempre deve esperar a pregação de alguma lógro em compensação dos carinhos e cuidados com que é obsequiado.

Os Italianos parece que commemorão os tempos dos Borgias como a epocha mais notavel e triste da sua historia. Mascarão-se, e assim se divertem.

Nós, os Brasileiros, aproveitadores de tudo quanto vemos sem raciocinio nem criterio, temos jogado o entrudo de todos os modos. Convites suppostos, doces apimentados, guisados falsificados, etc., entrão no numero dos lógrós: baldes d'agua e laranginhas atirados a granel representão o diluvio; e finalmente os bailes mascarados, os passeios e precissões de fantasia são a ultima moda arremedada dos nossos amigos Italianos.

Diz-se que o jogo do entrudo era ao principio a commemoração do diluvio universal; como, porém, diz nosso bom pai que os Chias negão essa universalidade, e sabe-se que tem havido muitos diluvios parciaes, não sabemos por que razão não deviamos nós mudar a epocha deste divertimento para a estação fria, como bem fizeram os europeos. Então teria logar molhar-se quem passasse, por não haver o risco

de constipar-se com o obsequio ; e seria maior logração molhar a quem sentisse frio. Por outro lado o divertimento de mascarar se tornaria mais aprazível no tempo frio, do que em época em que se súa por comer ou por dormir, como nos acontece muitas vezes ; e muito mais concorridos e animados seriam os bailes, os passeios e outros divertimentos de que tendes já noticia, e que foram annunciados pelo *Jornal do Commercio* do dia 12 em um extenso programma, cuja leitura vos recommendamos, convidando-vos a irdes ver passar a procissão de mascarados nas

ruas por onde deve ella transitar na tarde de hoje (domingo) e na de terça-feira : não nos esquecendo de convidar-vos a concorrer nas tardes destes dous dias ao Passeio Publico, onde imaginamos que será muito agradável vê-los, e com tanto maior brilhantismo será esta parte das festas do entrudo, se concorrerdes (sem receio de serdes molhadas) a tornal-a mais interessante com a vossa presença, no que tomara parte a ~

REDAÇÃO.

JARILLA.

PELA SRA. D. CAROLINA CORONADO.

(Continuado do n. 6.)

VI.

Regio.

Quitáronme mi compana,
La que me habia acompañado.
ROMANERO.

Se nos fosse licito duvidar da virtude de alguma dama nóbre, liberdade que nós os nobres não podemos tomar, porque semelhante duvida destruiria a nossa pretendida pureza de sangue, fariamos uma observação, e é que Roman pôde considerar-se o fiel transumpto do Mouro que está a seu lado. Tem o Mouro os sobr'olhos quasi unidos como Roman, os olhos de igual grandeza, brilho e expressão, o mesmo rasgo da boca, barba e testa do mesmo perfil; porém esta observação é inutil, porque sabemos que o sangue corre sem alteração pelas veias das familias illustres desde o nobre Wamba até D. João II. E' um rio limpido e imperturbavel que não se desvia do seu curso no volver dos annos, que não encontra em seu caminhar uma só pedra, uma só tojeira, e que por conseguinte conserva igual serenidade e limpidez desde que brota da terra até que fenece no mar... As damas nobres são todas virtuosas; nos fidalgos não pôde haver bastardia; ao descendente de um duque gira-lhe sempre nas veias o illustre sangue do fundador da sua casa. As damas nobres são mulheres perfeitas, cuja fidelidade conserva a pureza das raças primitivas. Por isso ha *sangue azul* no tempo de D. João II. Por isso é que é impossivel que o neto de D. Henrique tenha em seu sangue mescla de sangue mourisco; por isso a semelhança de Roman com o Mouro é effeito da casualidade.

Como! pois uma dama nobre havia lá ter paixões que a obrigassem a faltar aos seus deveres? Curvaria o povo a cabeça diante de um herdeiro esclarecido, se este herdeiro não fosse o successor de seu pai? Não; a aristocracia do nascimento ficava assim destruida, e um *plebeu* que-

ria ser tão bem nascido como um nobre, quando no tempo de João II podem os nobres enforcar os *plebeus*. A senhora de Vilhena não faltou de certo ao seu dever, quando em Toledo protegeu um formoso Mouro que Henrique III captivára. Se o Mouro se parece com Roman é porque Roman... se parece com o Mouro.

Mas que semelhança tão extraordinaria! Nada perdeu com os annos a galhardia do Mouro... é o mesmo que acompanhava pelas veigas de Toledo uma nobre dama sobre fogoso alazão.

Ah! se essa dama não fôra a marquez de Vilhena, diria que Roman era filho do Mouro.

Restabelecêra-se o donzel nos dias que decorrerão desde que o havia tomado uma febre maligna. Apesar de mui descórado e abatido ainda, já pôde sentar-se na cama e escutar o seu *physico* que está sentado no chão com as pernas cruzadas.

— Quiz matar-te, dizia este, porém, ao apontar-te o punhal ao peito, conheci pela tua respiração e pelo calor que te abrazava a testa, que estavas enfermo... repugnou-me matar um homem doente. Depois conheci-te... tu me salvaste quando...

— Com' que então devo-vos a vida? acudiu Roman.

— Dispenso os teus agradecimentos, fidalgo, tornou o Mouro pronunciando esta ultima palavra com intonação *colerica*.

— Não quereis bem aos fidalgos?

— Malditos! bradou o Mouro levantando-se e contemplando Roman com os olhos a schisparem-lhe.

— Ora pois, disse este com doçura estendendo-lhe a mão, algum hade haver bom.

— E's tu, respondeu o Mouro com ternura e despeito ao mesmo tempo, tornando a sentar-se. Não te lembras de mim? Devo-te a vida, bem sabes. Naquelle cova...

— Contai-me as vossas desditas.

— São mui largas de contar.

- Não me cansará a tua narração.
- Mas a mim sim.
- Desafogai o vosso coração, amigo.

O Mouro emmudeceu por alguns instantes, como abismado em dolorosas recordações, e depois disse :

- Eu era rei.
- Vós ?
- Era senhor de tres castellos.
- Sois Regio! exclamou Roman.
- Como o sabes! Quem me atraçou?... Desgraçado de ti; viesste aqui para me surprender? Quefem perseguir-me os christãos ?
- Tranquillisai-vos. Ninguém vos ha de perturbar.

— Porque sabes que fui rei ?

— E' voz constante por toda a comarca.

— Eu era rei de feito. Pertencia-me a mulher christã mais formosa do mundo. João Sago, por ordem de Henrique III, sitiou os meus castellos quando eu estava em Granada. Um infame fidalgo affrontou minha mulher. Os christãos preparáram-me um emboscada, e quando voltava muito seguro de mim fui preso e conduzido a Toledo. A mulher do fidalgo enamorou-se de mim; seduzi-a como o fidalgo seduzira a minha. Tive um filho. Lá ficou em Toledo considerado filho do fidalgo. Restituirão-me a liberdade; abalei-me para estas montanhas. Minha mulher havia dado á luz uma menina... Perdoei-lhe a vida; fiz mais... Protegi-a depois de morrer sua mãe... pobre orphã!

Basta... estou fatigado.... E' uma tortura atroz esta! Todos os fidalgos que vierão aqui a esses castellos succumbirão ao meu puhal. Foge! Se te demorasses, talvez te matasse. Incendei-me a cólera a relação dos meus infortunios. Foge, repito!

O Mouro recou alguns passos para dar logar a que Roman sahisse; mas este contemplou-o com bondade, fazendo com a cabeça um movimento negativo. A luz, que entrava pela fresta, illuminava pelas costas o Mouro, que com sua colossa! estatura obscurecia a figura de Roman, fazendo-o parecer a sua pallida sombra. Nunca se tinham visto dous homens tão parecidos.

- Que queres aqui fazer? disse alfim o Mouro com voz profunda.
- Consolar-vos.
- Ah! exclamou Regio, consolação só a hei de en encontrar debaixo da terra!
- Poderá melhorar a vossa sorte ?
- Tens um generoso coração. Enterneceug-te a minha desventura.

— Dizei-me se posso ser-vos util.

— Ah! a mim de certo que não. Sinto que pouco tempo de demorar-me por este mundo, porque a alma está morta já; e que em mim sobrevive são os membros, que, como os de alguns reptis, conservão movimento alguns instantes depois de acabada a vida. Hontem á noite, ao passar pelo sepulchro da minha amada, vi algarrem-se do chão tres luzes; é que só viverei mais tres luas. A quarta já hei de estar descansando debaixo do cyprate que viste perto do castello. As minhas ultimas esperanças perdi-as na ba-

talha que ganhastes. Chamáram; acudi. Fomos vencidos.... Porque me não deixaste morrer quando cahiu naquella cova?... Porque não deixaste que os teus me acabassem ?

— Para que estais com esses tão tristes pensamentos?

— São as minhas unicas alegrias. O que perdeu a sua amada e os seus castellos deve fugir como eu fujo das gentes, e aguardar com ancia a voz do propheta que o chama a descansar.

— Vede se posso prestar-vos em alguma cousa, repetiu o donzel travando-lhe da mão.

— A filha... de minha mulher... acudiu Regio fazendo um esforço; a filha... do fidalgo... coitada! fica só neste mundo.

- Jarilla!
- Conheces-la? Ah! bradou o Mouro erguendo-se novamente e mirando Roman com ar de desespero; descobriste o seu retiro; esse atrevimento ha de custar-te a vida...

— Socegai; que eu vos contarei tudo.

Referio-lhe Roman o seu encontro na selva; Regio socegou alfim.

— Ella ama-te, disse. E tu?

- Adoro-a.
- Casa com ella.

— Sou casado, respondeu o marido de D. Iguez levando as mãos á testa, como se esta recordação o pungira pela vez primeira.

— Então matou-a, disse o Mouro com sangue frio.

— Ah! não, Regio, nada receeis. Eu sou cavalleiro. Amo-a; mas saberei respeitá-la.

- Por quem o juras ?
- Pelo meu Deus.
- Não creio no teu Deus.
- Pela minha honra ?
- E's fidalgo!
- Por quem queres que eu jure então ?
- Pelo amor de Jarilla.
- Pois juro pelo amor de Jarilla.
- Dá cá a tua mão.

O donzel apertou-lhe a mão, e cahiu desfallecido pelo esforço que fizera o seu coração.

— Esta noite, disse com voz extincta, vinde ensinar-me o caminho do castello que olha para o Oriente.

— Não faltarei. Descansa agora.

O Mouro sahi depois do castello, e dirigiu-se a uma mesquita meio arruinada, e aonde dous Mouros vellos estavam resando a um canto. Aquelles dous sectarios de Mafoma crão seus antigos vassallos e vivião agora nas chogas abandonadas: os seus corpos secos e descarnados tinham muita semelhança com as pedras esbocoadas da mesquita.

— Todos cahiremos a um tempo, murmurou Regio.

Aquella noite conduziu o donzel por um atalho escuso ao castello de Nogales, em que habitava D. João II: porém era tal a debilidade de Roman, que, cerca já das muralhas, falleceão-lhe as forças, e teve de encostar-se a uma arvore.

— O melhor é, disse o Mouro, levar-te eu em meus braços pelo subterraneo que communica



LE MONITEUR DE LA MODE

Paris, Rue Richelieu 97

Chapman d'Alexandre, Blanchard, 40^e Boulevard des Capucines, 12, 14, 16, 18, 20, 22, 24, 26, 28, 30, 32, 34, 36, 38, 40, 42, 44, 46, 48, 50, 52, 54, 56, 58, 60, 62, 64, 66, 68, 70, 72, 74, 76, 78, 80, 82, 84, 86, 88, 90, 92, 94, 96, 98, 100, 102, 104, 106, 108, 110, 112, 114, 116, 118, 120, 122, 124, 126, 128, 130, 132, 134, 136, 138, 140, 142, 144, 146, 148, 150, 152, 154, 156, 158, 160, 162, 164, 166, 168, 170, 172, 174, 176, 178, 180, 182, 184, 186, 188, 190, 192, 194, 196, 198, 200, 202, 204, 206, 208, 210, 212, 214, 216, 218, 220, 222, 224, 226, 228, 230, 232, 234, 236, 238, 240, 242, 244, 246, 248, 250, 252, 254, 256, 258, 260, 262, 264, 266, 268, 270, 272, 274, 276, 278, 280, 282, 284, 286, 288, 290, 292, 294, 296, 298, 300, 302, 304, 306, 308, 310, 312, 314, 316, 318, 320, 322, 324, 326, 328, 330, 332, 334, 336, 338, 340, 342, 344, 346, 348, 350, 352, 354, 356, 358, 360, 362, 364, 366, 368, 370, 372, 374, 376, 378, 380, 382, 384, 386, 388, 390, 392, 394, 396, 398, 400, 402, 404, 406, 408, 410, 412, 414, 416, 418, 420, 422, 424, 426, 428, 430, 432, 434, 436, 438, 440, 442, 444, 446, 448, 450, 452, 454, 456, 458, 460, 462, 464, 466, 468, 470, 472, 474, 476, 478, 480, 482, 484, 486, 488, 490, 492, 494, 496, 498, 500, 502, 504, 506, 508, 510, 512, 514, 516, 518, 520, 522, 524, 526, 528, 530, 532, 534, 536, 538, 540, 542, 544, 546, 548, 550, 552, 554, 556, 558, 560, 562, 564, 566, 568, 570, 572, 574, 576, 578, 580, 582, 584, 586, 588, 590, 592, 594, 596, 598, 600, 602, 604, 606, 608, 610, 612, 614, 616, 618, 620, 622, 624, 626, 628, 630, 632, 634, 636, 638, 640, 642, 644, 646, 648, 650, 652, 654, 656, 658, 660, 662, 664, 666, 668, 670, 672, 674, 676, 678, 680, 682, 684, 686, 688, 690, 692, 694, 696, 698, 700, 702, 704, 706, 708, 710, 712, 714, 716, 718, 720, 722, 724, 726, 728, 730, 732, 734, 736, 738, 740, 742, 744, 746, 748, 750, 752, 754, 756, 758, 760, 762, 764, 766, 768, 770, 772, 774, 776, 778, 780, 782, 784, 786, 788, 790, 792, 794, 796, 798, 800, 802, 804, 806, 808, 810, 812, 814, 816, 818, 820, 822, 824, 826, 828, 830, 832, 834, 836, 838, 840, 842, 844, 846, 848, 850, 852, 854, 856, 858, 860, 862, 864, 866, 868, 870, 872, 874, 876, 878, 880, 882, 884, 886, 888, 890, 892, 894, 896, 898, 900, 902, 904, 906, 908, 910, 912, 914, 916, 918, 920, 922, 924, 926, 928, 930, 932, 934, 936, 938, 940, 942, 944, 946, 948, 950, 952, 954, 956, 958, 960, 962, 964, 966, 968, 970, 972, 974, 976, 978, 980, 982, 984, 986, 988, 990, 992, 994, 996, 998, 1000



com o primeiro pavimento, cujo segredo só eu conheço, porque fui quem o mandou construir. E travando com effeito do donzel conduziu-o até

ao pé de uns penedos, e ali sumiu-se com elle nas entranhas da terra.

(Continúa.)

POESIA.

A UMA JOVEN PAULISTANA.

Alvo cysne de candidas pennas,
Do seu meigo Tiété senhoril,
Vem pairado nas azas serenas
Ergue o collo de neve gentil.

Deixa os lagos da patria tão cara
Deixa as ribas do sul do Brasil;
E nas plagas do grão Guanabara
Vem mostrar-se fagueiro, gentil.

Doce, meiga, gentil açucena,
Transportada do sul do Brasil,
Embalada na hastea serena
Tão saudosa da patria gentil.

Meiga per'la de fogo engastada
N'um céu puro de limpido anil;
Branca rosa d'amor orvalhada
Pelos prantos d'aurora gentil.

Meigo lyrio gentil bafejado
Pelos auras do sul do Brasil;
Das campinas da patria exilado,
Exilado da patria gentil.

És a nota d'uma harpa tangida
Pelos ventos do sul do Brasil,
És qual nuvem que vê-se esculpida.
Sobre a face d'um lago gentil.

És qual meiga visão vaporosa
Dos que morão no sul do Brasil,
Que em remanso de noite saudosa
Se nos mostra n'um sonho gentil.

És a flor que abriu soberana
Despontada no sul do Brasil,
Casta, meiga, gentil Paulistana,
Flor singela, mimosa, gentil.

Salomon.

A IRMÃ DE CARIDADE.

Uma febre ardente me devorava. Minha familia, que residia em uma das nossas mais remotas provincias, não tinha recebido aviso. Eu estava só em um aposento mercenarios. Em um dia, ao sahir de um accesso que fôra mais duradouro e mais assustador do que os outros, vi junto de meu leito uma mulher ainda moça, vestida de preto, tendo um rosario pendente da cintura, e uma grande coifa branca que lhe guarnecia a face. Era uma irmã da Caridade que o dono do hotel (graças lhe sejam dadas por esta lembrança) tinha mandado chamar para me tratar. Ella andava pelo aposento com passo leve que eu mal ouvia. Ella multiplicava seus cuidados junto de mim, e quando, no delirio da febre, eu desviava a sua mão que me trazia remedios, ella me pedia com uma voz tão meiga que me fazia sempre ceder.

Meu espirito estava ainda mais doente do que o meu corpo. Um amor indignamente trahido me havia lançado em um desespero tal que não podia ser consolado. Era mister apagar pouco a pouco da imaginação as tristes imagens que me preocupavam, e acalmar este resentimento que incessantemente eu irritava. Depois de Deos, foi a irmã da Caridade quem me salvou. Sua perseverança, a expressão suave de sua physionomia, não sei que encanto doloroso espalhado nella, tudo revelava uma existencia cruelmente provada; e nada é mais agradável aos desgraçados do que a compaixão dos que tambem tem soffrido muito.

Era uma mulher de vinte e cinco annos, pequena e delicada, tendo pés e mãos de menina, de olhos azues e uma physionomia impressionavel que se alterava a cada lamento que ouvia. Facilmente se comprehendia, vendo-a, que sua

alma era feita para a piedade. Seu rosto não tinha sem duvida esta regularidade e esse todo que constituem a belleza em uma mulher: porém ella era bella pela graça, pela distincção das maneiras, pelo timbre seductor da voz que encantava o ouvido como se fosse uma musica harmoniosa. Chamava-se soror Santa Genoveva. Havia quinze dias que ella me servia de familia e de amigos: era tudo quanto eu sabia della. Qaesquer que fossem as circumstancias que a houvessem lançado em uma profissão tão humilde, ella cumpria os seus deveres com angelica resignação. Nunca mostrou uma saudade, nem um resentimento, nem uma allusão a dias mais felizes: tinha-se acostumado a soffrer como nos acostumamos a viver.

Uma tarde em que me entregava ás minhas recordações :

— E' horrivel, exclamei involuntariamente !

— Que tendes ? perguntou-me soror Santa Genoveva.

— Penso na perfidia de que fui victima : que ingratitude !

— Oh ! respondeu ella, o numero dos ingratos é tão grande ! Sereis o unico que vos possais queixar ?

— Como fui trahido ! trahido cobardemente !

— Outras pessoas o tem sido como vós... mais do que vós.

— Não, minha irmã, não. Nunca mais esquecerei.....

— Não se esquece, porém perdoa-se. Procura-se, em outro lugar que não na terra, um amor que seja fiel. votamo-nos á esperanças que nunca enganão. A provação desta vida é muitas vezes bem cruel. Felizmente ella é curta... Quereis, acrescentou ella depois de um curto silencio, que eu vos conte, para distrahir-vos, a historia de uma amiga da minha infancia ?

Chamava-se ella Clemencia. Seu pai fora um capitão da guarda real, morto em 1850. Sua mãe, viuva, expatriou-se com sua filha, e foi exercer na Russia, no seio da rica familia Kisolof, um emprego de governante que lhe havia sido offerecido. Ahi vivião tranquillias, se não felizes, quando o joven conde Alexis Kisolof voltou de suas viagens. Elle viu Clemencia, e apoderou-se por ella de violenta paixão. Tinha Clemencia dezoito annos. No retiro em que estava creada a presença de um homem bello, elegante, desembaraçado, era um grande acontecimento. Sua vida, até então tão tristonha, começou a animar-se; seus dias, que passavam lentamente, lhe parecerão curtos, e já não bastavam para as phantasias que preoccupavam sua alma. Que vos direi ? Sua mãe adivinhou-lhe a causa, e as tímidas revelações da menina não lhe deixaram duvida alguma. Communicou ella a sua retirada; mas, com esta noticia, o joven conde pronunciou-se. As differenças de posição e de fortuna, os projectos que sobre elle tinha seu pai, a nada attendeu, e pediu com lagrimas e supplicas a mão de Clemencia. Julgai com quanta indignação o intento de tal alliança foi repellido por esta orgulhosa familia. A gover-

nante e sua filha tiveram de retirar-se, e tornaram para Paris.

Pouco tempo depois Alexis Kisolof enganou-se no exercito que o Czar mandava contra os povos sempre revoltados do Caucaso; mas os perigos da guerra não podião distrahir-o de sua paixão. Surdas conspirações ameaçavam a autoridade do novo imperador. Alexis tomou parte nellas com ardor desesperado. Foi denunciado, condemnado perpetuamente ás minas da Siberia, degradado de sua nobreza, despojado de todos os seus bens e reduzido á condição do servo mais pobre e miseravel.

Quando Clemencia recebeu esta noticia uma horrivel desgraça acabava tambem de cahir sobre ella. Sua mãe tinha morrido, deixando-a na terra sem familia, sem amigos, só.... Que posição, ó meu Deos !... Considerou sua posição, e ninguem ella viu que se compadecesse de si, ou que a dirigisse. Pensou então naquelle que tanto amara, e que estava desgraçado e abandonado como ella. As differenças que os haviam separado não existião mais : estavam igualados pelo infortunio. Foi uma inspiração do Céu; ella partiu para a Russia, sacrificou seus ultimos recursos, e um dia apresentou-se aos parentes de Alexis Kisolof. O seu orgulho estava abatido, e choravam talvez a sua crueldade.

— Agora que vosso filho está perdido para vós, lhes disse ella; quereis que eu lhe consagre a minha vida, que o acompanhe nos desertos para onde o mandão, e que seja a sua mulher no exilio ?

Os Kisolof, admirados, acolhrão este offerecimento com enthusiasmo. A mãe e a joven irmã de Alexis choraram de prazer, e apertaram Clemencia em seus braços. Pobre Clemencia ! ella dava graças ao Céu; e tinha conquistado uma familia !

Que passos, que supplicas forão necessarias para conseguir-se que ella podesse acompanhar o comboy que devia transportar os condemnados para a Siberia ! Emfim obteve-se esta concessão. A alegria, o reconhecimento de Alexis não se pôde descrever. Não vos descreverei tambem as fadigas desta longa viagem, taes como Clemencia m'as contou.

— Bem as imagino, interrompi eu : como pôde uma fraca mulher resistir a tanto ? Como teve ella bastantes forças para vencer tantos obstaculos ?

— Sim, tornou soror Santa Genoveva : rios caudalosos a atravessar, altias montanhas, vastas florestas a atravessar, steppes aridos, desertos areñosos a percorrer. Só Deos sabe quanto Clemencia teve que soffrer : mas o que lhe dava corageno, o que lhe reanimava as forças era a companhia de Alexis de Kisolof, preso em um desses carros chamados *kibichis*. Alexis, consolado por ella, esquecia o que era e o que tinha sido. Elle a chamava sua Providencia, seu anjo protector. Beijava-lhe as mãos, promettia-lhe um amor sem fim e só para ella... Meu Deos ! os desertos que elles atravessavam tinham tambem a sua magnificencia : a natureza é sempre bella quando o coração está satisfeito.

O comboy era destinado ás minas de Nert -

chinsk, onde milhares de obreiros trabalham noite e dia. Desde a sua chegada, Alexis e Clemencia casarão-se conforme o ritual religioso do paiz. Deu-se aos dous esposos uma espécie de cabana grosseiramente construida no chão e coberta de palha. Clemencia foi encarregada de preparar a comida de seu marido, e de applicar-se a todos os cuidados domesticos. Era ella quem, no principio da primavera, quando a terra não está ainda completamente desembragaçada do gelo, plantava, semeava legumes e trigo que mal tinham tempo para amadurecer. Os trabalhos do tempo de verão, as provisões para o tempo de inverno lhe custavão cruéis fadigas. O inverno é tão longo e rigoroso nesses climas! Durante oito mezes do anno, neves constantes, um vento glacial e horribes tempestades; depois seguem-se as chuvas que inundão as planicies. A vegetação é tão rapida que dir-se-hia que a vista e o ouvido lhe acompanha os progressos. Os ardores do estio são tão intoleraveis quanto pouco duradouros: cessão antes do mez de Setembro, e então o céu cerra-se novamente e o inverno recomeça o seu reinado.

Pois bem! Clemencia se achava quasi feliz. Ella supportava alegremente as privações desta vida para a qual nada a tinha preparado: ao menos tinha alguém juuto de si para anal-a, alguém que era tudo para ella e para quem ella era tudo. Alexis lamentava algumas vezes o havel-a associado ás suas desgraças: ella lhe sorria, e lhe mostrava uma physionomia prazenteira. Quando voltava dos trabalhos fatigado, arquejando e sem coragem, ella lhe enxugava o suor que lhe humedecia a fronte, e lhe despertava a energia. Se carpia as saudades de sua patria e dos prazeres de sua familia, da opulencia e da grandeza, chorava ella com elle, e suas caricias logo lhe fazião esquecer o que tinha perdido, e lhe davão uma patria. Ella fazia consistir a sua felicidade em consolar a sorte do pobre desterrado. Por muito desotados que fossem esses desertos, sempre elles lhe fornecião flores para entrelaçar em seus cabellos; innocente vaidade com que Deos se não offendia.

(Continúa.)

BOLETIM MUSICAL.

Bem pouca cousa tenho que noticiar-vos, leitoras, sobre o assumpto deste artigo. Sabemos, entretanto, que o Sr. consul de Portugal pediu ao distincto professor, o Sr. Cruz Lima, a valsa de sua composição, denominada *D. Pedro V*, para a mandar a S. M. F. o rei de Portugal: e não podemos deixar de agradecer ao digno consul a prova de consideração dada a um artista de merecimento reconhecido, pela qual se tornará o seu nome conhecido com vantagem nessa parte da Europa. Sabemos que esta musica vai escripta para grande orchestra pelo proprio autor.

Na noite de 10 ouvimos no baile da *Vestal* a execução de um bello duetto de *Julietta e Roméo*, cantado com muito gosto por duas dilettanti, cujos nomes omitimos por não havermos conseguido saber.

A distincta amadora, a Ex.^{ma} Sra. D. Idalina Pereira da Silva, cantou perfeitamente uma cavatina da opera — *Chi dura vince* —, e com bella expressão um romance de — *Lucrecia Borgia*. A joven pianista, que já por diversas vezes tem sido applaudida no salão da *Vestal*, nos fez ouvir a brilhante execução de uma das difficilissimas variações de Herz.

A orchestra executou nessa mesma noite duas quadrilhas novas: uma composta pelo Sr. Guigon sobre diversos motivos do *Barbeiro de Sevilha*; outra, de pensamentos originaes, pelo distincto amator, o Sr. Dr. Saturnino, que a denominou — *Alina* —, nome poetico de seus cantos, e que tanto agradou a uma de nossas collegas, colla-

boradora deste jornal, que o adoptou na assignatura dos artigos com que brinda as respeitaveis assignantes desta empresa.

O theatro lyrico contiúa a dar suas representações semanaes, variando-as entre *Arabes e Trovador*. Pouca tem sido a concurrencia dos espectaculos, talvez em virtude do incommodo da estação, ou pelo aborrecimento que tem causado as pateadas injustas dos dous partidos *char-tonista e casalanista*. Quem, como nós, frequenta o theatro lyrico, e com alguns poucos conhecimentos musicaes, tem apreciado o merecimento das duas artistas e os constantes esforços que empregaõ para agradar ao publico, não pode deixar de censurar o procedimento de alguns incompetentes juizes e de louvar a mediação tomada pela policia contra pateadas acintosas que devem antes ser consideradas como disturbio e infracção ás regras da decencia e da tranquillidade publica do que como a manifestação de uma opinião sensata e judiciosa.

Os jornaes tem annunciado a publicação de alguns pedaços escolhidos de operas italiauas reduzidas a canto com acompanhamentos de piano: e sobre tæs annuncios remettemos as nossas assignantes a pagina de annuncios do *Jornal do Commercio*.

O conservatorio de musica do collegio Marinho foi augmentado com um professor de flauta e clarinete, cuja escolha recahiõ no Sr. Cruz Lima.

Corina.

DESPOTISMO.

Izachan, tio do Schah-Séfy, Imperador da Persia, tinha tres filhos a quem ternamente amava, não estimando em menos a esposa que lh'os tinha dado. Schah-Séfy, que via muitas vezes esta mulher, entretinha-se muito com a sua companhia por causa do seu espirito divertido. Ella tomou um dia a liberdade de lhe dizer, gracejando, que não sabia o motivo por que, tendo elle tantas bellas mulheres, ainda não tinha filhos, quando ella já tinha dado tres a seu marido, e acrescentou rindo-se: « de sorte que temo que por vossa morte não se vejam obrigados a recorrerem a algum de meus filhos. »

O imperador, irritado com este discurso, dissimulou o seu resentimento e despediu-se della; mas no dia seguinte fez vir á sua presença os seus tres primos-irmãos e lhes cortou a cabeça. A' hora do jantar fez pôr sobre a mesa as cabeças em um prato de ouro coberto com uma rica toalha, chamou immediatamente a mãe, e tirando estas cabeças uma após outra pelo nariz as lançou ao chão, dizendo-lhe: *Olla, mulher tão fecunda, eis ahí teus filhos!*.....

A príncieza, espantada com este horrivel espectáculo, ficou muda; mas notando no semblante do imperador signaes de uma cohera que lhe annunciava igual tratamento, lançou-se por terra, beijou os pés do carrasco de seus filhos..... e lhe disse: *Tudo está mui bem feito, Deus conserve os dias do meu soberano.....*

Schah-Séfy mandou-a então embora, e fez vir seu tio, a quem perguntou se lhe agradava tal espectáculo. Izachan respondeu que não lhe desagradava:..... que, se o imperador lhe tivesse testemunhado semelhante desejo, elle mesmo lhe teria trazido as cabeças de seus filhos..... e que elle não quereria ter filhos, uma vez que desagradassem a seu senhor..... Esta fraca e vil condescendencia lhe salvou a vida por algum tempo, diz Oléarius (Viagem a Moscovia, Tartaria e Persia, in-fol., 1727); mas o despota lhe fez cortar a cabeça alguns mezes depois.

Cem mil acções, como esta, que se achão nos fastos dos tyrannos podem provar até que ponto de aviltamento e de ferocidade a servidão é o despotismo reduzem os homens.

HYPERBOLE.

A' proporção que um viajante vem entranhando-se do Norte, pelo Sul da Europa, encontra que augmenta em exaggeração a linguagem figurativa da expressão commum; assim um Inglez, para significar que está summittamente molhado,

diz que *está molhado até a pelle* (wet to the skin): um Francez passa mais além, e assegura que *está molhado até aos ossos* (mouillé jusqu'aux os); porém um Hespanhol deixa-os muito atraz, e anima-se a dizer que *está molhado até a medulla* (mojado hasta los tuetanos).

Anecdota.

Quando Solimão, soberano dos Turcos, marchava á conquista de Belgrado no anno de 1521, uma mulher da plebe apresentou-se a elle e se queixou amargamente de que, enquanto dormira, uns soldados lhe tinham roubado os seus gados, que erão toda a sua riqueza. « Era preciso que tivesses profundamente dormido, lhe disse sorrindo-se o sultão, visto que não sentistes os ladrões. — Sim, senhor, eu dormia, respondeu ella, porém confiada em que Vossa Alteza velava na segurança publica. » O magnanimo Solimão conheceu a força desta resposta; ainda que atrevida, não a desaprovou, e reparou o danno que devera ter precavido.



CHARADAS.

Com a vista;	1
Bem longe;	1
Não dorme.	
	G. M.

Tenho dous cestões de arroba;	1
Provincia de Portugal;	2
Para commigo se ornarem	
Mé lizerão grande mal.	

D. Dorothea.

ERRATA.

Na poesia — FLOR DE CERA — publicada no numero quinto, nos versos 15, 18 e 21, em lugar de *Seus lêa-se Teus*; no verso 29 *Te* em vez de *Se*, e no 42 *Sem* em lugar de *Seus*.

Na poesia — LEMBRANÇA — no verso 20, em lugar de *docemente*, lêa-se *duce ementa*.

Acompanha este n.º 7 uma estampa com figurinos de noiva e de passeio.